

## RIO DE JANEIRO

## CASINO:

"O magico" (The Magician). — Metro-Goldwyn-Mayer. — Produção de 1926. — Emp. Reunidas M. G. M. Ltda. — "O Magico" foi o segundo film dirigido pelo director Rex Ingram nos Studios da M. G. M., em Nice. Como o primeiro, "Mare Nostrum", este tambem não causou successo nenhum nos Estados Unidos. Apenas alguns criticos elogiaram o film, a originalidade de sua historia, os ambientes novos e a direcção de Rex Ingram. De facto, esta produção está destinada a encontrar a mais completa indiferença da parte do publico. Só mesmo á critica conscienciosa e minuciosa analysta, poderá agradar. Os ambientes são ellos, originaes, exquitos, de um exotismo que contribue para a formação da atmospheria em que vivem os heróes. A historia é de Somerset Maughan e trata das façanhas de um magico-louco que tem a mania de resolver o maior problema da vida com o sangue de uma virgem... Já vêm vocês que não é film para qualquer publico. Só mesmo para quem aprecia historias phantasticas e gosta de experimentar emoções violentas. Eis o que ha de notavel no film: a direcção detalhada de Rex Ingram e os effeitos de luz que dão lugar a quadros de immensa belleza artistica. As scenas da operação causam medo e jamais vi iguaes. Não fosse Paul Wegener, o extraordinario "Golem" — que tanto successo causou aqui — "o magico!..." Alice Terry, linda, de uma belleza cada vez mais pura e candida. Ella será quietinha como apparece nos films? A novidade da fita é a apresentação do novo galã Ivan Petrovitch. Bello typo de homem. Figuram ainda no "cast", Firmin Lermier e Gladys Hanner. A adaptação e o scenario foram obra de Rex Ingram. Vocês não acham que Rex devia procurar outras historias? Não levem as creanças... ellas podem assustar-se com a cara de Paul Wegener e depois não dormirem durante a noite...

Cotação: 7 pontos.

## IMPERIO:

"Eu... tu... e ella" (Sunny Side Up). — Producers Dist. Corp. — Produção de 1926. — Programma Paramount. — Verinha Reynolds pôde ser uma pequena muito interessante, bonitinha mesmo, mas muito lhe falta ainda para ser uma verdadeira artista cinematographica. O seu modo de representar, apesar de não ser ella nenhuma novata no Cinema, é muito artificial e forçado. Aliás, compete ao director corrigir estas cousas, mas como Donald Crisp é director só no nome, a Verinha, coitada, deixa á mostra todos os seus defeitos de representação. Em "O que fomos no passado", havia De Mille... O film é bom, pôde ser visto sem susto pela plateia média... Apresenta scenas interessantes, como as da fabrica de "pickles", scenas que poderiam ser muito melhores se fosse outro o director. Vera Reynolds, como já disse, não representa bem e faz muito uso das mãos. Nem todas sabem fazer como Zasu Pitts, que tambem apparece... George K. Arthur esforça-se por ser engraçado... Edmund Burns é um galã aceitavel. Ethel Clayton, coitada, muito deslocada. A historia é conhecida. Aparecem mais: Louis Natheaux e tres pequenas lindas, Sally Rand, Jocelyn Lee e Mabel Coleman. Argumento de Henry St. John Cooper. Scenario regular de Beulah Marie Dix e Elmer Harris.

Cotação: 5 pontos.

## PARISIENSE:

"Corações partidos de Hollywood" (Broken Hearts Of Hollywod). — Warner Bros. — Produção de 1926. — Emp. Reunidas M. G. M. Ltda. — Mais uma historia

## A TELA EM REVISTA

passada na capital do Cinema. Como sempre, os heróes não encontram as portas do Templo do Drama Silencioso, abertas de par em par: soffrem o diabo, passam das mãos de um patife para as de outro, peior ainda, e assim vão até Patsy cahir nas garras do maior "pirata" da tela — Stuart Holmes... mas, ora esta não é que desta vez o Stuart é um homem de bons sentimentos! Foi a minha surpresa da semana... Douglas Fairbanks Jr. faz um heróe sem animação. Patsy Ruth Miller — cada vez mais formosa. Louise Dresser mettida outra vez num desses papeis de mãe que já encabulam os "fans"... Entretanto, as scenas finais têm certa emotividade, com especialidade as do tribunal. E para ver como são as cousas: justamente o que é mais conhecido... Emfim, posso dizer que o film é bom e digno de ser visto pelos "fans". Quando nada, contemplarão a belleza maravilhosa de



Uma scena comica de HARRY LANGDON, o comico americano que vae entrando...

P. Ruth Miller, Jerry Milley é o villão. Não gostei da cara delle — é tal qual certos professores de Cinema que no Rio procuram enganar os tolos... Barbara Worth, Dick Sutherland, Emile Chautard, Anders Randolph, George Nichols e Sam De Grasse, tomam parte. Olhem bem para o numero de projectores de luz que apparecem numa scena de Studio. Direcção de Lloyd Bacon. Podia ser melhor.

Cotação: 6 pontos.

Nos outros dias da semana, foi exhibido o film "O Magico", já visto no Casino, com pouco successo, infelizmente... Um bom film, porém, que não serve para qualquer publico.

## RIALTO:

O Cinema Rialto reabriu mais uma vez as suas portas. Desta vez a cousa parece que é para ficar firme... Reformaram a casa toda, deram assim uma apparencia toda persa, sem aquellas caratonhas horriveis e hyeroglyphos; e tambem sem a mascarada toda do Central. Os despeitados, aquelles que não crêm no seu successo, dizem que aquillo agora é... leiteira... pôde ser, pela cor, mas se o "soldado" da First garantir, com aquella entrada de

"leão" da M. G. M., queremos ver muita previsão abafada nos tunneis soterrados... A estrêa esteve brilhante, não havia sequer um lugar para se ficar em pé, que fosse! E que frequencia! Ao meu lado havia até uma "Aileen Pringle"... Gostei da tela, é maior do que aquellas pequitinhas, parecidas com as "Pathé Baby", dos "elephantes brancos", mas a orchestra não se pôde comparar com a do Casino. O panno da bocca de scena é luxuoso e até fóra do commum. Em compensação, o film passou tambem só em duas partes e no intervalo, distribuíram doces e sorvetes com fartura, quem sabe se para tirar o amargor de alguns presentes?... Foi uma curiosidade, as locadoras. O lado de cá da Avenida não estava acostumado a estas cousas, nem nunca se viu com um letreiro luminoso como o do Rialto: Isto tudo é novidade, é ordem, e é Cinema como o pretendemos que elle seja aqui no Brasil. Além disso, em vez de cartazes pendurados nas fachadas, taboetas encostadas á porta e no proscenio, á feição de "menu" de qualquer tasca, vêm-se "lobbies" discretos, emfim, um systema de chamar a atenção do publico com certo gosto e arte. O Frankel do ex-Palais é quem está agora tomando conta do Rialto, e isto, de alguma forma demonstra que os elementos sympathicos do publico, merecem o apreço das Empresas Reunidas M. G. M. Ltda. Esperamos que com o tempo a cousa não se modifique; só assim se poderá mostrar mais uma casa aos que nos visitarem e attender ao publico que tem desertado do theatro pela verdadeira Arte da Cinematographia.

"O cavalheiro dos amores" (Bardelys, The Magnificent). — Metro-Goldwyn-Mayer. — Produção de 1926. — Emp. Reunidas M. G. M. Ltda. — Devia estar com algum receio, ao ver King Vidor como director do film. Não é que duvidasse propriamente do seu merito, mas, de qualquer forma, não é bem o seu genero de trabalho, apesar de "The Big Parade", que não apresenta por certo, os mesmos "touches" de "Audacia e Timidez"; nem por isso deixou de elevá-lo á categoria dos maiores directores. Fiquei por isso, mais confiante, e naturalmente influenciado ao ver que apesar de historico, o drama reunia elementos como Eleanor Boardman e John Gilbert, havendo ainda aquillo que se chama ingrediente amoroso, de que King Vidor sabe tirar tanto partido. Aquelle idyllio entre John e Eleanor é notavel. Como deve ser admiravel se amar assim, dentro de um barco, desalçando suavemente entre as ramagens de arvores, ao embalo das aguas de um lago tão poetico... Não sei, mas o facto é que além disso, a scena de amor está tambem apresentada de uma forma bem original, com a folhagem vindo de encontro á objectiva da machina, com o natural desfocar, e passando sempre; parecendo-me até que esta feliz inspiração foi para não despertar ciúmes em King, quando a folhagem occulta o beijo mais longo que sua esposa recebe do ardente John e que a apresenta depois quasi desfallecida de felicidade, a cabeça inclinada para traz, enquanto elle embriagado de amor, repousa a cabeça no seu collo... Mas espera, se eu fôr descrever como é toda esta scena, terei que fazer o mesmo aquella outra, onde ella jura esperal-o diante da imagem da santa, na despedida e que dá motivo ao seu embaraço, por não poder revelar o seu verdadeiro nome. Mudemos, portanto, de assumpto. Como film historico, isto é, observando a verdade historica e os typos dos diversos personagens, o film deve ser considerado fraco. Mas, quem está acostumado a ler os romances heroicos de Zevaco, ou quem imagina os "Mosqueteiros" de Dumas, apenas como terriveis cavalleiros, sem ligar muita importancia aos caracteristicos do tempo, encontrará visualizado o heróe que imagina. John Gilbert está um destes typos de romance de capa e espada, ad-